

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2020 – Estado da Questão

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico: Flatland Design

AAP – ISBN: 978-972-9451-89-8
CITCEM – ISBN: 978-989-8970-25-1

Associação dos Arqueólogos Portugueses e CITCEM
Lisboa, 2020

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:
Planta do castro de Monte Mozinho (Museu Municipal de Penafiel).


ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES


MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 CITCEM
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

 Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

 PORTO
FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

Apoio

 museu
MUSEU MUNICIPAL DE PENAFIEL



Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud

1. Historiografia e Teoria

- 17 Território, comunidade, memória e emoção: a contribuição da história da arqueologia (algumas primeiras e breves reflexões)
Ana Cristina Martins
- 25 Como descolonizar a arqueologia portuguesa?
Rui Gomes Coelho
- 41 Arqueologia e Modernidade: uma revisitação pessoal e breve de alguns aspetos da obra homónima de Julian Thomas de 2004
Vítor Oliveira Jorge
- 57 Dados para a História das Mulheres na Arqueologia portuguesa, dos finais do século XIX aos inícios do século XX: números, nomes e tabelas
Filipa Dimas / Mariana Diniz
- 73 Retractos da arqueologia portuguesa na imprensa: (in)visibilidades no feminino
Catarina Costeira / Elsa Luís
- 85 Arqueologia e Arqueólogos no Norte de Portugal
Jacinta Bugalhão
- 101 Vieira Guimarães (1864-1939) e a arqueologia em Tomar: uma abordagem sobre o território e as gentes
João Amendoeira Peixoto / Ana Cristina Martins
- 115 *Os memoráveis?* A arqueologia algarvia na imprensa nacional e regional na presente centúria (2001-2019): características, visões do(s) passado(s) e a arqueologia enquanto *marca*
Frederico Agosto / João Silva
- 129 A Evolução da Arqueologia Urbana e a Valorização Patrimonial no Barlavento Algarvio: Os casos de Portimão e Silves
Artur Mateus / Diogo Varandas / Rafael Boavida

2. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 145 O Caderno Reivindicativo e as condições de trabalho em Arqueologia
Miguel Rocha / Liliana Matias Carvalho / Regis Barbosa / Mauro Correia / Sara Simões / Jacinta Bugalhão / Sara Brito / Liliana Veríssimo Carvalho / Richard Peace / Pedro Peça / Cézer Santos
- 155 Os Estudos de Impacte Patrimonial como elemento para uma estratégia sustentável de minimização de impactes no âmbito de reconversões agrícolas
Tiago do Pereiro
- 165 Salvaguarda de Património arqueológico em operações florestais: gestão e sensibilização
Filipa Bragança / Gertrudes Zambujo / Sandra Lourenço / Belém Paiva / Carlos Banha / Frederico Tatá Regala / Helena Moura / Jacinta Bugalhão / João Marques / José Correia / Pedro Faria / Samuel Melro
- 179 Os valores do Património: uma investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Ruprestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco

- 189 Conjugando recursos arqueológicos e naturais para potenciar as visitas ao Geoparque Litoral de Viana do Castelo (Noroeste de Portugal)
Hugo A. Sampaio / Ana M.S. Bettencourt / Susana Marinho / Ricardo Carvalho
- 203 Áreas de Potencial Arqueológico na Região do Médio Tejo: Modelo Espacial Preditivo
Rita Ferreira Anastácio / Ana Filipa Martins / Luiz Oosterbeek
- 223 Património Arqueológico e Gestão Territorial: O contributo da Arqueologia para a revisão do PDM de Avis
Ana Cristina Ribeiro
- 237 A coleção arqueológica do extinto Museu Municipal do Porto – Origens, Percursos e Estudos
Sónia Couto
- 251 Valpaços – uma nova carta arqueológica
Pedro Pereira / Maria de Fátima Casares Machado
- 263 Arqueologia na Cidade de Peniche
Adriano Constantino / Luís Rendeiro
- 273 Arqueologia Urbana: a cidade de Lagos como caso de Estudo
Cátia Neto
- 285 Estratégias de promoção do património cultural subaquático nos Açores. O caso da ilha do Faial
José Luís Neto / José Bettencourt / Luís Borges / Pedro Parreira
- 297 Carta Arqueológica da Cidade Velha: Uma primeira abordagem
Jaylson Monteiro / Nireide Tavares / Sara da Veiga / Claudino Ramos / Edson Brito / Carlos Carvalho / Francisco Moreira / Adalberto Tavares
- 311 Antropologia Virtual: novas metodologias para a análise morfológica e funcional
Ricardo Miguel Godinho / Célia Gonçalves

3. Didáctica da Arqueologia

- 327 Como os projetos de Arqueologia podem contribuir para uma comunidade culturalmente mais consciente
Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Silveira / Ricardo Lopes
- 337 Educação Patrimonial – Um cidadão esclarecido é um cidadão ativo!
Ana Paula Almeida
- 351 A aproximação da Arqueologia à sala de aula: um caso de estudo no 3º ciclo do Ensino Básico
Luís Serrão Gil
- 363 *Arqueologia 3.0* – Pensar e comunicar a Arqueologia para um futuro sustentável
Mónica Rolo
- 377 “Conversa de Arqueólogos” – Divulgar a Arqueologia em tempos de Pandemia
Diogo Teixeira Dias
- 389 Escola Profissional de Arqueologia: desafios e oportunidades
Susana Nunes / Dulcineia Pinto / Júlia Silva / Ana Mascarenhas
- 399 Os Museus de Arqueologia e os Jovens: a oferta educativa para o público adolescente
Beatriz Correia Barata / Leonor Medeiros
- 411 O museu universitário como mediador entre a ciência e a sociedade: o exemplo da secção de arqueologia no Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto (MHNC-UP)
Rita Gaspar

- 421 Museu de Lanifícios: Real Fábrica de Panos. Atividades no âmbito da Arqueologia
Beatriz Correia Barata / Rita Salvado
- 427 Arqueologia Pública e o caso da localidade da Mata (Torres Novas)
Cláudia Manso / Ana Rita Ferreira / Cristiana Ferreira / Vanessa Cardoso Antunes
- 431 Do sítio arqueológico ao museu: um percurso (também) didático
Lídia Fernandes
- 447 Estão todos convidados para a Festa! E para dançar também. . . O projecto do Serviço Educativo do Museu Arqueológico do Carmo na 5ª Edição da Festa da Arqueologia
Rita Pires dos Santos
- 459 O “Clã de Carenque”, um projeto didático de arqueologia
Eduardo Gonzalez Rocha
- 469 Mediação cultural: peixe que puxa carroça nas Ruínas Romanas de Troia
Inês Vaz Pinto / Ana Patrícia Magalhães / Patrícia Brum / Filipa Santos
- 481 Didática Arqueológica, experiências do Projeto Mértola Vila Museu
Maria de Fátima Palma / Clara Rodrigues / Susana Gómez / Lígia Rafael

4. Arte Rupestre

- 497 Os inventários de arte rupestre em Portugal
Mila Simões de Abreu
- 513 O projeto FIRST-ART – conservação, documentação e gestão das primeiras manifestações de arte rupestre no Sudoeste da Península Ibérica: as grutas do Escoural e Maltravieso
Sara Garcês / Hipólito Collado / José Julio García Arranz / Luiz Oosterbeek / António Carlos Silva / Pierluigi Rosina / Hugo Gomes / Anabela Borralheiro Pereira / George Nash / Esmeralda Gomes / Nelson Almeida / Carlos Carpetudo
- 523 Trabalhos de documentação de arte paleolítica realizados no âmbito do projeto PalæoCôa
André Tomás Santos / António Fernando Barbosa / Luís Luís / Marcelo Silvestre / Thierry Aubry
- 537 Imagens fantasmagóricas, silhuetas elusivas: as figuras humanas na arte do Paleolítico Superior da região do Côa
Mário Reis
- 551 Os motivos zoomórficos representados nas placas de tear de Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal)
Andrea Martins / César Neves / José M. Arnaud / Mariana Diniz
- 571 Arte Rupestre do Monte de Góios (Lanhelas, Caminha). Síntese dos resultados dos trabalhos efectuados em 2007-2009
Mário Varela Gomes
- 599 Gravuras rupestres de barquiformes no Monte de S. Romão, Guimarães, Noroeste de Portugal
Daniela Cardoso
- 613 Círculos segmentados gravados na Bacia do Rio Lima (Noroeste de Portugal): contributos para o seu estudo
Diogo Marinho / Ana M.S. Bettencourt / Hugo Aluai Sampaio
- 631 Equídeos gravados no curso inferior do Rio Mouro, Monção (NW Portugal). Análise preliminar
Coutinho, L.M. / Bettencourt, A.M.S / Sampaio, Hugo A.S
- 645 Paletas na Arte Rupestre do Noroeste de Portugal. Inventário preliminar
Bruna Sousa Afonso / Ana M. S. Bettencourt / Hugo A. Sampaio

5. Pré-História

- 661 O projeto Miño/Minho: balanço de quatro anos de trabalhos arqueológicos
Sérgio Monteiro-Rodrigues / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas / Carlos Ferreira / Pedro Xavier / José Meireles / Alberto Gomes / Manuel Santonja / Alfredo Pérez-González
- 677 A ocupação paleolítica da margem esquerda do Baixo Minho: a indústria lítica do sítio de Pedreiras 2 (Monção, Portugal) e a sua integração no contexto regional
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Sérgio Monteiro-Rodrigues / Eduardo Méndez-Quintas / Pedro Xavier / José Meireles / Alberto Gomes / Manuel Santonja / Alfredo Pérez-González
- 693 O sítio acheulense do Plistocénico médio da Gruta da Aroeira
Joan Daura / Montserrat Sanz / Filipa Rodrigues / Pedro Souto / João Zilhão
- 703 As sociedades neandertais no Barlavento algarvio: modelos preditivos com recurso aos SIG
Daniela Maio
- 715 A utilização de quartzo durante o Paleolítico Superior no território dos vales dos rios Vouga e Côa
Cristina Gameiro / Thierry Aubry / Bárbara Costa / Sérgio Gomes / Luís Luís / Carmen Manzano / André Tomás Santos
- 733 Uma perspetiva diacrónica da ocupação do concheiro do Cabeço da Amoreira (Muge, Portugal) a partir da tecnologia lítica
Joana Belmiro / João Cascalheira / Célia Gonçalves
- 745 Novos dados sobre a Pré-história Antiga no concelho de Palmela. A intervenção arqueológica no sítio do Poceirão I
Michelle Teixeira Santos
- 757 Problemas em torno de Datas Absolutas Pré-Históricas no Norte do Alentejo
Jorge de Oliveira
- 771 Povoamento pré-histórico nas áreas montanhosas do NO de Portugal: o Abrigo 1 de Vale de Cerdeira
Pedro Xavier / José Meireles / Carlos Alves
- 783 Apreciação do povoamento do Neolítico Inicial na Baixa Bacia do Douro. A Lavra I (Serra da Aboboreira) como caso de estudo
Maria de Jesus Sanches
- 797 O Processo de Neolitização na Plataforma do Mondego: os dados do Sector C do Outeiro dos Castelos de Beijós (Carregal do Sal)
João Carlos de Senna-Martinez / José Manuel Quintã Ventura / Andreia Carvalho / Cíntia Maurício
- 823 Novos trabalhos na Lapa da Bugalheira (Almonda, Torres Novas)
Filipa Rodrigues / Pedro Souto / Artur Ferreira / Alexandre Varanda / Luís Gomes / Helena Gomes / João Zilhão
- 837 A pedra polida e afeiçoada do sítio do Neolítico médio da Moita do Ourives (Benavente, Portugal)
César Neves
- 857 Casal do Outeiro (Encarnação, Mafra): novos contributos para o conhecimento do povoamento do Neolítico final na Península de Lisboa.
Cátia Delicado / Carlos Maneira e Costa / Marta Miranda / Ana Catarina Sousa
- 873 Stresse infantil, morbidade e mortalidade no sítio arqueológico do Neolítico Final/Calcolítico (4º e 3º milénio a.C.) do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain

- 885 *Come together*: O Conjunto Megalítico das Motas (Monção, Viana do Castelo) e as expressões Campaniformes do Alto Minho
Ana Catarina Basílio / Rui Ramos
- 899 Trabalhos arqueológicos no sítio Calcolítico da Pedreira do Poio
Carla Magalhães / João Muralha / Mário Reis / António Batarda Fernandes
- 913 O sítio arqueológico de Castanheiro do Vento. Da arquitectura do sítio à arquitectura de um território
João Muralha Cardoso
- 925 Estudo zooarqueológico das faunas do Calcolítico final de Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal): Campanhas de 2017 e 2018
Cleia Detry / Ana Catarina Francisco / Mariana Diniz / Andrea Martins / César Neves / José Morais Arnaud
- 943 As faunas depositadas no Museu Arqueológico do Carmo provenientes de Vila Nova de São Pedro (Azambuja): as campanhas de 1937 a 1967
Ana Catarina Francisco / Cleia Detry / César Neves / Andrea Martins / Mariana Diniz / José Morais Arnaud
- 959 Análise funcional de material lítico em sílex do castro de Vila Nova de S. Pedro (Azambuja, Portugal): uma primeira abordagem
Rafael Lima
- 971 O recinto da Folha do Ouro 1 (Serpa) no contexto dos recintos de fossos calcolíticos alentejanos
António Carlos Valera / Tiago do Pereiro / Pedro Valério / António M. Monge Soares

6. Proto-História

- 987 Produção de sal marinho na Idade do Bronze do noroeste Português. Alguns dados para uma reflexão
Ana M. S. Bettencourt / Sara Luz / Nuno Oliveira / Pedro P. Simões / Maria Isabel C. Alves / Emílio Abad-Vidal
- 1001 A estátua-menir do Pedrão ou de São Bartolomeu do Mar (Esposende, noroeste de Portugal) no contexto arqueológico da fachada costeira de entre os rios Neiva e Cávado
Ana M. S. Bettencourt / Manuel Santos-Estévez / Pedro Pimenta Simões / Luís Gonçalves
- 1015 O *Castro do Muro* (Vandoma/Baltar, Paredes) – notas para uma biografia de ocupação da Idade do Bronze à Idade Média
Maria Antónia D. Silva / Ana M. S. Bettencourt / António Manuel S. P. Silva / Natália Félix
- 1031 Do Bronze Final à Idade Média – continuidades e hiatos na ocupação de Povoados em Oliveira de Azeméis
João Tiago Tavares / Adriaan de Man
- 1041 As faunas do final da Idade do Bronze no Sul de Portugal: leituras desde o Outeiro do Circo (Beja)
Nelson J. Almeida / Íris Dias / Cleia Detry / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1055 A Espada do Monte das Oliveiras (Serpa) – uma arma do Bronze Pleno do Sudoeste
Rui M. G. Monge Soares / Pedro Valério / Mariana Nabais / António M. Monge Soares
- 1065 São Julião da Branca (Albergaria-a-Velha) - Investigação e valorização de um povoado do Bronze Final
António Manuel S. P. Silva / Paulo A. P. Lemos / Sara Almeida e Silva / Edite Martins de Sá
- 1083 Do castro de S. João ao Mosteiro de Santa Clara: notícia de uma intervenção arqueológica, em Vila do Conde
Rui Pinheiro

- 1095 O castro de Ovil (Espinho), um quarto de século de investigação – resultados e questões em aberto
Jorge Fernando Salvador / António Manuel S. P. Silva
- 1111 O Castro de Salreu (Estarreja), um povoado proto-histórico no litoral do Entre Douro e Vouga
Sara Almeida e Silva / António Manuel S. P. Silva / Paulo A. P. Lemos / Edite Martins de Sá
- 1127 Castro de Nossa Senhora das Necessidades (Sernancelhe): uma primeira análise artefactual
Telma Susana O. Ribeiro
- 1141 A cidade de Bagunte. O estado atual da investigação
Pedro Brochado de Almeida
- 1153 Zoomorfos na cerâmica da Idade do Ferro no NW Peninsular: inventário, cronologias e significado
Nuno Oliveira / Cristina Seoane
- 1163 Vasos gregos em Portugal: diferentes maneiras de contar a história do intercâmbio cultural na Idade do Ferro
Daniela Ferreira
- 1175 Os *exotica* da necrópole da Idade do Ferro do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal) no seu contexto regional
Francisco B. Gomes

7. Antiguidade Clássica e Tardia

- 1191 O uso de madeira como combustível no sítio da Quinta de Crestelos (Baixo Sabor): da Idade do Ferro à Romanização
Filipe Vaz / João Tereso / Sérgio Simões Pereira / José Sastre / Javier Larrazabal Galarza / Susana Cosme / José António Pereira / Israel Espi
- 1207 Cultivos de Época Romana no Baixo Sabor: continuidade em tempos de mudança?
João Pedro Tereso / Sérgio Simões Pereira / Filipe Santos / Luís Seabra / Filipe Vaz
- 1221 A casa romana na Hispânia: aplicação dos modelos itálicos nas províncias ibéricas
Fernanda Magalhães / Diego Machado / Manuela Martins
- 1235 As pinturas murais romanas da Rua General Sousa Machado, n.º 51, Chaves
José Carvalho
- 1243 Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó) – Uma exploração agrícola romana do Douro
Tony Silvino / Pedro Pereira
- 1255 A sequência de ocupação no quadrante sudeste de *Bracara Augusta*: as transformações de uma unidade doméstica
Lara Fernandes / Manuela Martins
- 1263 Os Mosaicos com decoração geométrica e geométrico-vegetalista dos sítios arqueológicos da área do *Conuentus Bracaraugustanus*. Novas abordagens quanto à conservação, restauro, decoração e datação
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 1277 “Casa Romana” do Castro de São Domingos (Crestelos, Lousada): Escavação, Estudo e Musealização
Paulo André de P. Lemos
- 1291 A arqueobotânica no Castro de Guifões (Matosinhos, Noroeste de Portugal): O primeiro estudo carpológico
Luís Seabra / Andreia Arezes / Catarina Magalhães / José Varela / João Pedro Tereso

- 1305 Um *Horreum* Augustano na Foz do Douro (Monte do Castelo de Gaia, Vila Nova de Gaia)
Rui Ramos
- 1311 Ponderais romanos na Lusitânia: padrões, formas, materiais e contextos de utilização
Diego Barrios Rodríguez
- 1323 Um almofariz centro-italico na foz do Mondego
Marco Penajoia
- 1335 Estruturas romanas de Carnide – Lisboa
Luísa Batalha / Mário Monteiro / Guilherme Cardoso
- 1347 O contexto funerário do sector da “necrópole NO” da Rua das Portas de S. Antão (Lisboa):
o espaço, os artefactos, os indivíduos e a sua interconectividade na interpretação do passado
Sílvia Loja, José Carlos Quaresma, Nelson Cabaço, Marina Lourenço, Sílvia Casimiro,
Rodrigo Banha da Silva, Francisca Alves-Cardoso
- 1361 Povoamento em época Romana na Amadora – resultados de um projeto pluridisciplinar
Gisela Encarnação / Vanessa Dias
- 1371 A Arquitectura Residencial em *Mirobriga* (Santiago do Cacém): contributo a partir
de um estudo de caso
Filipe Sousa / Catarina Felício
- 1385 O fim do ciclo. Saneamento e gestão de resíduos nos edifícios termas de *Mirobriga*
(Santiago do Cacém)
Catarina Felício / Filipe Sousa
- 1399 *Balsa*, Topografia e Urbanismo de uma Cidade Portuária
Vitor Silva Dias / João Pedro Bernardes / Celso Candeias / Cristina Tété Garcia
- 1413 No Largo das Mouras Velhas em Faro (2017): novas evidências da necrópole norte
de *Ossonoba* e da sua ocupação medieval
Ricardo Costeira da Silva / Paulo Botelho / Fernando Santos / Liliana Nunes
- 1429 Instrumentos de pesca recuperados numa fábrica de salga em *Ossonoba* (Faro)
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Paulo Botelho
- 1439 A Necrópole Romana do Eirô, Duas Igrejas (Penafiel): intervenção arqueológica de 2016
Laura Sousa / Teresa Soeiro
- 1457 Ritual, descarte ou afetividade? A presença de *Canis lupus familiaris* na Necrópole
Noroeste de *Olisipo* (Lisboa)
Beatriz Calapez Santos / Sofia Simões Pereira / Rodrigo Banha da Silva / Sílvia Casimiro /
Cleia Detry / Francisca Alves Cardoso
- 1467 Dinâmicas económicas em *Bracara* na Antiguidade Tardia
Diego Machado / Manuela Martins / Fernanda Magalhães / Natália Botica
- 1479 Cerâmicas e Vidros da Antiguidade Tardia do Edifício sob a Igreja do Bom Jesus
(Vila Nova de Gaia)
Joaquim Filipe Ramos
- 1493 Novos contributos para a topografia histórica de Mértola no período romano e na
Antiguidade Tardia
Virgílio Lopes

8. Época Medieval

- 1511 Cerâmicas islâmicas no Garb setentrional “português”: algumas evidências e incógnitas
Constança dos Santos / Helena Catarino / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Isabel Inácio /
Gonçalo Lopes / Jacinta Bugalhão / Sandra Cavaco / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes /
Ana Sofia Gomes

- 1525 Contributo para o conhecimento da cosmética islâmica, em Silves, durante a Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1537 Yábura e o seu território – uma análise histórico-arqueológica de Évora entre os séculos VIII-XII
José Rui Santos
- 1547 A encosta sul do Castelo de Palmela – resultados preliminares da escavação arqueológica
Luís Filipe Pereira / Michelle Teixeira Santos
- 1559 A igreja de São Lourenço (Mouraria, Lisboa): um conjunto de silos e de cerâmica medieval islâmica
Andreia Filipa Moreira Rodrigues
- 1571 O registo material de movimentações populacionais no Médio Tejo, durante os séculos XII-XIII. Dois casos de “sunken featured buildings”, nos concelhos de Cartaxo e Torres Novas
Marco Liberato / Helena Santos / Nuno Santos
- 1585 O nordeste transmontano nos alvares da Idade média. Notas para reflexão
Ana Maria da Costa Oliveira
- 1601 Sepulturas escavadas na rocha do Norte de Portugal e do Vale do Douro: primeiros resultados do Projecto SER-NPVD
Mário Jorge Barroca / César Guedes / Andreia Arezes / Ana Maria Oliveira
- 1619 “*Portucalem Castrum Novum*” entre o Mediterrâneo e o Atlântico: o estudo dos materiais cerâmicos alto-medievais do arqueossítio da rua de D. Hugo, nº. 5 (Porto)
João Luís Veloso
- 1627 A Alta Idade Média na fronteira de Lafões: notas preliminares sobre a Arqueologia no Concelho de Vouzela
Manuel Luís Real / Catarina Tente
- 1641 Um conjunto cerâmico medieval fora de portas: um breve testemunho aveirense
Susana Temudo
- 1651 Os Lóios do Porto: uma perspetiva integrada no panorama funerário da Baixa Idade Média à Época Moderna em meios urbanos em Portugal
Ana Lema Seabra
- 1659 O Caminho Português Interior de Santiago como eixo viário na Idade Média
Pedro Azevedo
- 1665 Morfologia Urbana: Um exercício em torno do Castelo de Ourém
André Donas-Botto / Jaqueline Pereira
- 1677 Intervenção arqueológica na Rua Marquês de Pombal/Largo do Espírito Santo (Bucelas, Loures)
Florbel Estêvão / Nathalie Antunes-Ferreira / Dário Ramos Neves / Inês Lisboa
- 1691 O Cemitério Medieval do Poço do Borratém e a espacialidade funerária na cidade de Lisboa
Inês Belém / Vanessa Filipe / Vasco Noronha Vieira / Sónia Ferro / Rodrigo Banha da Silva
- 1705 Um Espaço Funerário Conventual do séc. XV em Lisboa: o caso do Convento de São Domingos da Cidade
Sérgio Pedroso / Sílvia Casimiro / Rodrigo Banha da Silva / Francisca Alves Cardoso

9. Época Moderna e Contemporânea

- 1721 Arqueologia Moderna em Portugal: algumas reflexões críticas em torno da quantificação de conjuntos cerâmicos e suas inferências históricas e antropológicas
Rodrigo Banha da Silva / André Bargão / Sara da Cruz Ferreira
- 1733 Faianças de dois contextos entre os finais do século XVI e XVIII do Palácio dos Condes de Penafiel, Lisboa
Martim Lopes / Tomás Mesquita

- 1747 Um perfil de consumo do século XVIII na foz do Tejo: O caso do Mercado da Ribeira, Lisboa
Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva / André Bargão
- 1761 Os Cachimbos dos Séculos XVII e XVIII do Palácio Mesquitela e Convento dos Inglesinhos
(Lisboa)
Inês Simão / Marina Pinto / João Pimenta / Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva
- 1775 «*Tomar os fumos da erua que chamão em Portugal erua sancta*». Estudo de Cachimbos
provenientes da Rua do Terreiro do Trigo, Lisboa
Miguel Martins de Sousa / José Pedro Henriques / Vanessa Galiza Filipe
- 1787 Cachimbos de Barro Caulínítico da Sé da Cidade Velha (República de Cabo Verde)
Rodrigo Banha da Silva / João Pimenta / Clementino Amaro
- 1801 Algumas considerações sobre espólio não cerâmico recuperado no Largo de Jesus (Lisboa)
Carlos Boavida
- 1815 Adereços de vidro, dos séculos XVI-XVIII, procedentes do antigo Convento de Santana
de Lisboa (anéis, braceletes e contas)
Joana Gonçalves / Rosa Varela Gomes / Mário Varela Gomes
- 1837 Da ostentação, luxo e poder à simplicidade do uso quotidiano: arqueologia e simbologia
de joias e adornos da Idade Moderna Portuguesa
Jéssica Iglésias
- 1849 Os amuletos em Portugal – dos objetos às superstições: o coral vermelho
Alexandra Vieira
- 1865 Cerâmicas de Vila Franca de Xira nos séculos XV e XVI
Eva Pires
- 1879 «Não passa por teu o que me pertence». Marcas de individualização associadas a faianças
do Convento de Nossa Senhora de Aracoeli, Alcácer do Sal
Catarina Parreira / Íris Fragoso / Miguel Martins de Sousa
- 1891 Cerâmica de Leiria: alguns focos de produção
Jaqueline Pereira / André Donas-Botto
- 1901 Os Fornos na Rua da Biquinha, em Óbidos
Hugo Silva / Filipe Oliveira
- 1909 A casa de Pêro Fernandes, contador dos contos de D. Manuel I: o sítio arqueológico da Silha
do Alferes, Seixal (século XVI)
Mariana Nunes Ferreira
- 1921 O Alto da Vigia (Sintra) e a vigilância e defesa da costa
Alexandre Gonçalves / Sandra Santos
- 1937 O contexto da torre sineira da Igreja de Santa Maria de Loures
Paulo Calaveira / Martim Lopes
- 1949 A Necrópole do Hospital Militar do Castelo de São Jorge e as práticas funerárias na Lisboa
de Época Moderna
Susana Henriques / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Sofia N. Wasterlain
- 1963 SAND – Sarilhos Grandes Entre dois Mundos: o adro da Igreja e a Paleobiologia dos ossos
humanos recuperados
Paula Alves Pereira / Roger Lee Jesus / Bruno M. Magalhães
- 1975 Expansão urbana da vila de Cascais no século XVII e XVIII: a intervenção arqueológica
na Rua da Vitória nº 15 a 17
Tiago Pereira / Vanessa Filipe
- 1987 Novos dados para o conhecimento do Urbanismo de Faro em época Moderna
Ana Rosa

- 1995 Um exemplo de Arqueologia Urbana em Alcoutim: o Antigo Edifício dos CTT
Marco Fernandes / Marta Dias / Alexandra Gradim / Virgílio Lopes / Susana Gómez Martínez
- 2007 Palácio dos Ferrazes (Rua das Flores/Rua da Vitória, Porto): a cocheira de Domingos Oliveira Maia
Francisco Raimundo
- 2021 As muitas vidas de um edifício urbano: História, Arqueologia e Antropologia no antigo Recreatório Paroquial de Penafiel
Helena Bernardo / Jorge Sampaio / Marta Borges
- 2035 O convento de Nossa Senhora da Esperança de Ponta Delgada: o contributo da arqueologia para o conhecimento de um monumento identitário
João Gonçalves Araújo / N'Zinga Oliveira
- 2047 Arqueologia na ilha do Corvo... em busca da capela de Nossa Senhora do Rosário
Tânia Manuel Casimiro / José Luís Neto / Luís Borges / Pedro Parreira
- 2059 Perdidos à vista da Costa. Trabalhos arqueológicos subaquáticos na Barra do Tejo
Jorge Freire / José Bettencourt / Augusto Salgado
- 2071 Arqueologia marítima em Cabo Verde: enquadramento e primeiros resultados do projecto CONCHA
José Bettencourt / Adilson Dias / Carlos Lima / Christelle Chouzenoux / Cristóvão Fonseca / Dúnia Pereira / Gonçalo Lopes / Inês Coelho / Jaylson Monteiro / José Lima / Maria Eugénia Alves / Patrícia Carvalho / Tiago Silva
- 2085 Trabalhos arqueológicos na Cidade Velha (Ribeira Grande de Santiago, Cabo Verde): reflexões sobre um projecto de investigação e divulgação patrimonial
André Teixeira / Jaylson Monteiro / Mariana Mateus / Nireide Tavares / Cristóvão Fonseca / Gonçalo C. Lopes / Joana Bento Torres / Dúnia Pereira / André Bargão / Aurélie Mayer / Bruno Zélie / Carlos Lima / Christelle Chouzenoux / Inês Henriques / Inês Pinto Coelho / José Lima / Patrícia Carvalho / Tiago Silva
- 2103 A antiga fortificação de Quelba / Khor Kalba (E.A.U.). Resultados de quatro campanhas de escavações, problemáticas e perspectivas futuras
Rui Carita / Rosa Varela Gomes / Mário Varela Gomes / Kamyar Kamyad
- 2123 Colónias para homens novos: arqueologia da colonização agrária fascista no noroeste ibérico
Xurxo Ayán Vila / José M^a. Señorán Martín

DO BRONZE FINAL À IDADE MÉDIA – CONTINUIDADES E HIATOS NA OCUPAÇÃO DE POVOADOS EM OLIVEIRA DE AZEMÉIS

João Tiago Tavares¹, Adriaan de Man²

RESUMO

Até à elaboração da Carta de Património Arqueológico no âmbito do primeiro PDM, nunca tinha sido feita uma caracterização de conjunto dos povoados conhecidos no território.

Esta teve por base os poucos dados provenientes de escavação e as referências bibliográficas, sobretudo na imprensa local, à recolha de objetos nos diferentes sítios. Com esses dados disponíveis criou-se a imagem de uma ocupação longa e sincrónica em quase todos os povoados.

Com a elaboração do PIPA Povoamento em Oliveira de Azeméis (POVOAZ) avançou-se para a escavação de um conjunto de povoados procurando aumentar o conhecimento sobre os mesmos e verificar se a caracterização e cronologia de ocupação eram tão uniformes como se havia descrito na Carta de Património Arqueológico.

Palavras-chave: Continuidade, Hiatos, Povoamento, Território, Investigação.

ABSTRACT

Until the elaboration of the Archaeological Heritage Chart in the scope of the first PDM, a characterization of the set of settlements in the territory had never been made.

It was based on reduced data from excavation and bibliographic references, especially in the local press, about the gathering of items in different sites. With these data available, the image of a long and synchronous occupation was created in almost all settlements.

With the presentation of the PIPA Povoamento in Oliveira de Azeméis (POVOAZ), it was decided to excavate a group of settlements, seeking to increase knowledge about them, to verify if the characterization and occupation chronology were as uniform as had been described in the Archaeological Heritage Chart.

Keywords: Continuity, Hiatus, Settlement, Territory, Research.

1. INTRODUÇÃO

Após o terramoto de 1755 a Igreja de santa Maria de Ul sofreu um conjunto de danos que levaram a que o edifício fosse demolido para dar lugar ao atual. Durante as obras de reconstrução, foi recolhido um conjunto de vestígios que atestavam a presença romana no território, nomeadamente um *Terminus Augustalis* e dois marcos miliários, um dos quais anepígrafo. A 50 m da Igreja situa-se o monte do Crasto, onde os muros de construções antigas ainda

eram visíveis e serviam de local de abastecimento de matérias-primas para as construções dos habitantes locais.

Antes disso, na sua obra *Monarquia Lusitana*, Frei Bernardo de Brito tinha referido a existência de um outro testemunho epigráfico, no Castro de Osella. Ainda que este não possa ser validado devido, não só, à ausência de um registo, mas, também, ao anacronismo do seu conteúdo. O texto da suposta epígrafe, faria referência à organização de jogos pela Legião X *Fretense*, que teria estado estacionada em

1. Gabinete de Arqueologia e Museologia, Município de Oliveira de Azeméis; joao.tavares@cm-oaz.pt

2. Chair of the Department of Tourism and Heritage, United Arab Emirates University; adriaandeman@uaeu.ac.ae

Ossela. No entanto, não há registo de que essa legião tenha estado sequer na Península Ibérica, conhecendo-se a sua colocação no médio oriente entre o século I a.C. e III d.C. A referência de Frei Bernardo de Brito, é-nos útil, apenas, como demonstração do conhecimento da existência do sítio arqueológico desde o século XVI, algo que veio a ser reforçado, já em finais do século XIX com a descoberta fortuita de um conjunto de braceletes de ouro nas suas imediações (Vasconcelos, 1896).

A publicação dos Anais do município, em 1909, sintetiza o conhecimento de vestígios arqueológicos no concelho. Aos acima referidos junta um conjunto de monumentos megalíticos existentes no território, e mais alguns povoados, genericamente designados como Castros, onde teriam sido recolhidos materiais, ou seriam visíveis estruturas, que remetiam para uma ocupação em tempos antigos.

Apesar deste conhecimento da ocupação do território, desde o início do século XX, não houve um estudo sistemático dos sítios.

Rocha Peixoto levou a cabo uma intervenção no Castro de Ossela em 1908, deixou um relato sumário dos seus trabalhos, mas viria a falecer no ano seguinte, sem que houvesse qualquer continuidade na intervenção.

Apesar irem sendo publicadas pequenas notícias sobre achados realizados no concelho e alguns artigos, nomeadamente, sobre os testemunhos epigráficos acima referidos (Almeida, 1953 e Almeida, 1956), foi necessário aguardar até à década de 1980 para que se realizassem trabalhos com alguma continuidade.

Primeiro no Castro de Ul, entre 1984 e 1987, dirigidos por José Maia Marques com vista à caracterização do povoado, e depois, entre 1987 e 1988, na Mamoia 1 do Castelo sob a direção de Fernando Pereira da Silva.

Ainda que os resultados tenham dado origem a artigos publicados em revistas, pelo menos no caso de Ul (Marques, 1989), fica-se com a sensação de que o texto é demasiado sumário para o trabalho desenvolvido, sustentada na afirmação do autor de que estaria a preparar um trabalho de maior fôlego que publicaria após novos trabalhos a realizar nas estruturas defensivas e áreas habitacionais do povoado (Marques, 1989), o que não viria a acontecer.

No caso da Mamoia 1 do Castelo o artigo é bastante detalhado (Silva, 1994), faltando, talvez, uma contextualização regional dos resultados, que seria desenvolvida no âmbito da tese de doutoramento que

Fernando Pereira da Silva estava a desenvolver e que não veio a concluir.

Apesar destes trabalhos, na década de 1980, as duas décadas seguintes não beneficiaram desse impulso. A ausência de uma estratégia para o património arqueológico resultou, quase só, na realização de intervenções de emergência/salvaguarda.

2. O PATRIMÓNIO ARQUEOLÓGICO CONHECIDO NA DÉCADA DE 1990

Como referimos acima, o conhecimento do património arqueológico em Oliveira de Azeméis resultava de um conjunto de informações dispersas, essencialmente de cariz bibliográfico, assentes na recolha esporádica de materiais ou, na toponímia.

A necessidade de elaboração de Planos Diretores Municipais, veio obrigar a uma alteração deste cenário. A realização de uma carta de património arqueológico (Silva, 1995) levou a um esforço para concentrar e sistematizar a informação existente.

A fiabilidade dessa informação era, na maior parte dos casos, uma incógnita devido ao facto de não terem sido realizados trabalhos arqueológicos nos sítios.

Ainda assim, foi a base de conhecimento disponível até à revisão realizada no âmbito do PDM 2013, e da atualização realizada entre 2019 e 2020 para a próxima revisão do mesmo documento.

Sabemos que esse trabalho foi coordenado por Fernando Pereira da Silva, mas os recursos de que dispôs, para o levar a cabo, são desconhecidos.

Parece-nos razoável inferir que o trabalho foi realizado com base, essencialmente, nas referências bibliográficas e terá sido acompanhado da realização de ações de prospeção direcionadas para a sua confirmação. Seguindo a mesma linha de raciocínio, julgamos que o trabalho não terá sido acompanhado de ações de prospeção que procurassem identificar sítios inéditos. Sendo que, em anos mais recentes vários foram os sítios identificados para os quais não existiam referências na bibliografia.

A caracterização da generalidade dos sítios não podia ser feita em 1995, com base em dados obtidos em contexto de escavação. Acreditamos que Fernando Silva o fez com base nas notícias publicadas conjugadas com a prospeção que realizou, e usou como referência os resultados das escavações realizadas no Castro de Ul aplicando-os, na medida do possível, a sítios que seriam similares.

Assim, os povoados, apresentados como castros, e centrando-nos nos quatro em que desenvolvemos trabalhos no âmbito do projeto POVOAZ, são descritos como tendo, quase todos, uma cronologia similar, além de apresentarem características tipológicas comuns, nomeadamente com a existência de várias linhas de muralhas que os delimitavam.

Vejamos a caracterização apresentada por Fernando Pereira da Silva, no artigo que publicou a partir do relatório do PDM, para os sítios que integraram o POVOAZ (Silva, 1995).

Castro de Recarei

Descrição: Trata-se de um povoado fortificado, considerado tradicionalmente como um acampamento romano. Aparenta possuir três ordens de muralhas, de que a mais elevada é a que define o espaço de habitat interno. Não tem quaisquer outras estruturas visíveis além dos taludes que correspondem aos amuralhados, onde não se vislumbra pedra alguma. À superfície podem encontrar-se fragmentos cerâmicos diversos. [...]

Período Cronológico: Embora tradicionalmente lhe seja consignado a época romana, devido a ser considerado um “acampamento”, a verdade é que se trata de um povoado fortificado, devendo a sua ocupação estender-se desde a Idade do Bronze Final, à Alta Idade Média.

Castro de Ul

Descrição: O povoado ocupa um esporão na confluência dos rios Ul e Antuã. [...] Possui três ordens de amuralhados, de que uma delas se designa popularmente por “corredoura”. Na vertente oeste foram abertos covachos para plantio de eucaliptos. Na plataforma designada “corredoura” foram efetuados trabalhos arqueológicos modernos, que se encontram ao ar livre, assim como na plataforma nordeste. Por toda a superfície do castro e durante os trabalhos agrícolas, é comum encontrarem-se fragmentos de cerâmica comum e cerâmica industrial romana.

Período Cronológico: A ocupação do morro remonta pelo menos à Idade do Bronze Final, prolongando-se até à Idade Média.

Castro de Ossela

Descrição: À semelhança dos povoados que temos vindo a referir, o Castro de Ossela ocupa uma posição privilegiada sobre uma linha de água, num trecho do Caima em que se dá um estrangulamento do rio.

Possui três ordens de amuralhados e um fosso que o circunda pelo Este e pelo Sul. A entrada do castro é marcada aparentemente por um estrangulamento da muralha e do fosso que corre a Este. No Topo do Castro localiza-se uma construção da capela da invocação de Nossa Senhora do Castro, de finais do séc. XIX. A construção da capela implicou a terraplanagem de parte do cabeço. [...] Por toda a superfície da estação abundam fragmentos cerâmicos de tipos e fabricos diferenciados atestando a ocupação do castro desde remotas épocas, assim como fragmentos de mós manuais. Na entrada do povoado, voltada a Norte, no talude Este abundam, misturadas nas terras, fragmentos de cerâmica comum e cerâmica industrial romana; [...]

Período Cronológico: A partir do espólio recolhido quer por Rocha Peixoto, quer em prospeções de superfície, parece detetar-se uma ocupação do morro desde a Idade do Bronze à Baixa Idade Média.

Monte Calbo

Descrição: Segundo referem os “ANNAES” no monte “[...] existiam, ainda há pouco tempo, vestígios bem visíveis de dois muros de circunvalação concêntricos, a pouca distância um do outro, e situados no alto [...]”. Em contrapartida os AA. Referiam que não se tinham encontrado “vestígios de casas redondas”. Uma visita ao local confirmou a existência de amuralhados que se desenvolvem a partir dos sectores mesiais do monte, dando entender que o mesmo possui três ordens de muralhas que, no sector Sul, parecem reduzir-se duas e ao declive natural, muito acentuado, criando uma defesa natural. Na plataforma superior, apesar do matagal que a cobre, parecem detetar-se vestígios de construções habitacionais, assim como numa das plataformas definidas pelo amuralhado.

Período Cronológico: O cabeço possuirá ocupação humana que abrangerá um período desde o Calcolítico Final até pelo menos a época romana.

Como acima referimos, tanto a descrição como a atribuição cronológica dos povoados parecem procurar encontrar pontos de contacto entre os sítios, passando uma imagem de alguma homogeneidade na ocupação do território e de uma continuidade cronológica à qual se permite uma pequena variabilidade nos limites iniciais e finais.

Esta leitura é reforçada, se transpusermos para uma tabela cronológica a informação relativa às fases de

ocupação dos doze povoados elencados por Fernando Pereira da Silva. Lendo as descrições e, sobretudo, os enquadramentos cronológicos por ele escritos, ficamos com a imagem de que 10 dos 12 povoados teriam tido uma ocupação ininterrupta, desde o Bronze Final até à Idade Média.

Apesar da sua dispersão pelo território, ainda que uma parte deles acabe por se concentrar nos vales dos rios Ul e Antuã, sempre nos pareceu que esta atribuição cronológica resultava mais do modelo de análise aplicado do que dos dados disponíveis para cada sítio que, como já referimos, eram parcos.

Ainda assim, aquando da revisão do PDM, publicada em 2013, dado o escasso trabalho de campo que havia sido desenvolvido nos povoados desde 1995, optámos por manter esse enquadramento cronológico (Figura 1).

3. POVOAMENTO EM OLIVEIRA DE AZEMÉIS (POVOAZ) INVESTIGAÇÃO E RESULTADOS

Em 2015 quando submetemos o PIPA Povoamento em Oliveira de Azeméis (POVOAZ) um dos objetivos que estabelecemos foi tentar perceber se a ocupação dos sítios correspondia àquele padrão cronológico traçado por Fernando Pereira da Silva.

Paralelamente, pretendíamos melhorar a qualidade de informação disponível para a caracterização dos sítios arqueológicos, uma vez que apenas dois tinham tido trabalhos arqueológicos.

A primeira questão que se colocou foi a escolha dos sítios a intervir.

Os Castros de Ul e de Ossela, já tinham sido escavados, em épocas distintas, pelo que levar a cabo novas intervenções poderia permitir confirmar os dados já publicados, ou obter novos elementos que possibilitassem reformular as hipóteses apontadas pelos autores dos trabalhos.

Relativamente aos restantes, entendemos que deveríamos procurar alargar a abrangência geográfica do projeto, diversificar as características orográficas dos sítios, e ter em conta, não só a informação histórica, como os dados que resultavam de visitas aos locais desde a atualização do PDM em 2013, o que levou à inclusão do Castro de Recarei e do Monte Calbo no projeto (Figura 2).

Ainda que o primeiro se situe quase no mesmo meridiano do Castro de Ul a implantação e orografia do sítio são distintas, além de haver repetidas notícias de recolhas de material à superfície.

No caso do monte Calbo, é um povoado que se afasta para o extremo nordeste do concelho, ficando a mais de 5 kms dos restantes, mas com uma implantação e uma orografia a assemelhar-se mais aos povoados Castrejos como a citânia de Sanfins. As referências à recolha de materiais eram pouco numerosas, e as publicações locais mais recentes referiam-se à existência de estruturas habitacionais de planta circular (Silva, 1995), o que contrariava a descrição mais antiga que conhecemos sobre o sítio, feita nos Anais, onde apenas se indicava a existência de duas muralhas. Acresce que, em 2014, na sequência de uma ação de florestação no planalto existente no topo do monte, deixou à vista uma quantidade muito significativa de materiais arqueológicos.

Uma segunda questão que se colocava era a distribuição de recursos entre os diferentes sítios.

Tendo em conta os dados conhecidos, a existência de estruturas à vista resultantes dos trabalhos da década de 1980, e a envolvente cultural com a existência de um parque molinológico na base do cabeço, ainda que na margem oposta do rio Ul, que atrai um número interessante de visitantes, considerámos que o Castro de Ul deveria funcionar como um símbolo do projeto, tendo direito a 4 campanhas de escavação, uma por cada ano.

Prevíamos, em 2014, quando começámos a pensar na apresentação do POVOAZ, dedicar duas campanhas ao Castro de Ossela, por se tratar do único sítio classificado no concelho e ter sido alvo de trabalhos em 1908, havendo, ainda, relatos da existência abundante de materiais arqueológicos à superfície. No entanto, a reflorestação no Monte Calbo, realizada em 2014, levou-nos a reequacionar essa intenção. Tendo em conta a área de dispersão e o volume de materiais à superfície, conjugados com o facto de não haver notícia de intervenções no sítio considerámos que seria mais útil avançar com duas campanhas naquele local, obtendo, potencialmente, mais dados sobre um sítio inédito, e deixando apenas uma campanha para Ossela e a restante para Recarei. Ao elaborar o projeto estabelecemos como objetivos:

- Perceber se a cronologia de ocupação dos povoados era tão alargada, ou mais restrita no tempo;
- Verificar se os povoados com maiores dimensões possuíam ocupações sincrónicas;
- Estabelecer uma malha de ocupação do território tentando identificar os pontos mais importantes nos diversos períodos abrangidos pelo projeto;

- Identificar, em cada um dos povoados, sequências de ocupação;
- Aferir, a partir dos dados adquiridos, as potencialidades concretas dos sítios.

Os trabalhos teriam a duração de 4 semanas anuais, destinando-se duas ao Castro de Ul e as restantes ao outro povoado, de acordo com o cronograma do projeto. Além dos trabalhos de escavação (sondagens de 5 x 5 m) previa-se a realização, eventual, de trabalhos de prospeção geofísica e de conservação e restauro. Foram feitas campanhas de prospeção geofísica nos Castros de Ul e Ossela, como forma de auxílio à decisão sobre os locais onde seriam implantadas as sondagens. Já no que respeita à conservação e restauro, não foi feita qualquer intervenção.

No Castro de Ul, a primeira sondagem realizada, na plataforma de topo do cabeço revelou uma estratigrafia bastante perturbada associada a uma quase inexistência de espólio arqueológico e à ausência de estruturas, o que contrastava com os dados publicados por Maia Marques que, junto ao talude Este, tinha escavado o alicerce de uma construção, um lajeado em pedra e no limite da sondagem, uma base de uma lareira. Enquanto os dois primeiros elementos foram enquadrados cronologicamente em época romana, a lareira corresponderia um período de ocupação mais antigo, atribuído à Idade do Bronze. A realização de uma campanha de prospeção eletromagnética numa clareira dessa plataforma, e na plataforma intermédia, conhecida como corredoura, levou-nos a reequacionar implantação da sondagem. De acordo com os dados obtidos, na plataforma de topo não havia indícios de anomalias que pudessem corresponder a estruturas positivas. Em contrapartida, na corredoura, as características e disposição no solo das anomalias, eram compatíveis com a presença de estruturas positivas (De Man, Tavares e Carvalho, 2017). Com estes dados, optou-se por deslocar a zona a escavar para a corredoura.

A abertura dessa nova área de sondagem veio a revelar-se proveitosa, ainda que não seja, de momento, totalmente clara a sua interpretação funcional e cronológica.

Apesar de terem sido levadas a cabo três campanhas de escavação nessa zona, devemos ter em conta que a mesma foi assegurada por equipas pequenas e, maioritariamente, inexperientes de estudantes de arqueologia.

Dito isto, no final da primeira campanha, a escavação permitia-nos perceber que a camada superficial, re-

movida após a manta morta, se apresentava bastante perturbada indiciando um revolvimento acentuado. O espólio recolhido era composto por fragmentos de pequena dimensão e muito rolados, de cerâmica, vidro e material de construção em quantidade reduzida face ao que é expectável neste tipo de contexto. A grande diferença em relação à sondagem no topo do cabeço era que na base dessa camada não estávamos perante um nível geológico, ou estéril do ponto de vista arqueológico, mas antes tínhamos o que nos parecia um derrube em toda a extensão da sondagem. Esse derrube deixava antever alguns alinhamentos que poderiam corresponder a estruturas. Uma delas, seria a muralha que delimitaria esta plataforma e que Maia Marques havia identificado na sondagem que escavou a norte da nossa, na corredoura. Próximo do talude era possível ver um conjunto de blocos de pedra com uma orientação grosseira NE-SW que acompanhava o contorno do mesmo. Um outro alinhamento, com a mesma orientação, situava-se na zona central da sondagem. Ambos eram intercetados por um alinhamento NW-SE que atravessava a sondagem no sentido W-E.

A campanha seguinte, em que alargámos a sondagem em direção ao talude e escavámos parte do derrube, veio clarificar alguns aspetos e lançar dúvidas noutros. Veio clarificar, que o alinhamento NW-SE correspondia ao limite sul de três possíveis estruturas. Um delas, a mais próxima do talude corresponderia à muralha, a segunda a um possível compartimento e a terceira parecia demasiado volumosa para ser um muro de delimitação, fazendo lembrar um contraforte. No que dizia respeito aos materiais recolhidos, a sua quantidade continuava a ser pouco significativa, com o material de construção a corresponder a 98% do espólio recolhido. As dúvidas que daqui resultaram prendiam-se com a muralha que aparentava estar interrompida. Ao alargarmos a sondagem na direção do talude pretendíamos confirmar se o alinhamento que havíamos identificado como podendo corresponder à face interior da muralha tinha continuidade, uma vez que parecia continuar para o interior do corte. Feito esse alargamento, foi com alguma surpresa que verificámos que tal não parecia suceder. Ao invés, era o alinhamento NW-SE que parecia acompanhar esse alargamento. Simultaneamente, junto ao limite sul da sondagem a remoção do derrube e o alargamento da sondagem permitiu a identificação de uma nova estrutura com a mesma orientação NW-SE. Quanto à estrutura

que, acreditávamos, poderia corresponder a qualquer compartimento adossado à muralha, a remoção da camada de derrube não foi esclarecedora quanto à sua funcionalidade. Ao contrário das faces exteriores, Sul e Este, relativamente bem marcadas, as faces interiores eram menos definidas. Essa situação levou-nos a considerar a possibilidade de não se tratar de um compartimento, mas antes de um reforço da própria muralha.

A última campanha do projeto (2018) poderia esclarecer estas questões. No entanto, tal como em 2017, as respostas não foram mais do que as questões deixadas em aberto. Optámos por um novo alargamento da sondagem escavando-se até à base do talude, que correspondia ao limite da propriedade, para procurar dissipar as dúvidas levantadas relativamente à continuidade da muralha.

Esse alargamento permitiu perceber que o topo do talude era coroado com um murete de pedra, bastante degradado, que corresponderia a um antigo muro de separação de propriedade assente sobre o limite exterior da muralha. Simultaneamente, tornou-se claro que, sensivelmente, a meio da sondagem esse murete não estava assente na muralha, mas antes num derrube. A sua desmontagem possibilitou a identificação de uma porta na muralha, com uma soleira e respetivo gonzo, um batente na face da muralha e um encaixe para a tranca, também na muralha. A remoção da última área de derrube deixada à vista em 2016 veio permitir perceber que a estrutura com orientação NW-SE cuja face sul tinha sido deixada à vista no ano anterior, também possuía uma face do lado norte e que apresentava uma espessura de, aproximadamente, 1,5m, o que indicava que a hipótese de se tratar de um contraforte ganhava alguma sustentação.

A escavação das camadas por baixo do derrube permitiu recolher um espólio cerâmico, ainda que pouco numeroso, que aponta para uma cronologia de época romana imperial. Tendo em conta que o possível contraforte está assente sobre essas camadas e que o possível reforço da muralha tem a sua base, pelo menos na face voltada a Este, assente sobre uma delas, tudo nos leva a crer que este momento construtivo corresponderá a uma fase tardia de ocupação do povoado, até porque, ainda parecem existir níveis preservados por baixo daqueles que escavámos.

A porta deixa-nos algumas dúvidas, a existência de uma soleira parece indicar que se trata de uma estrutura contemporânea às acima referidas. Porém,

por limitações de tempo e dimensão da equipa, não foi escavada a camada onde assenta para se perceber se a muralha abaixo daquela cota existia e era fechada, ou se já possuía uma abertura.

Em resumo as campanhas realizadas no Castro de Ul, em termos de materiais, só nos sugerem uma ocupação romana imperial, com as estruturas a possibilitarem a hipótese de que tenha existido uma ocupação durante a crise do império romano e a antiguidade tardia.

No Monte Calbo dada a grande dispersão de materiais foram feitas sondagens em três pontos diferentes.

Optámos, na primeira campanha, por estabelecer uma sondagem na plataforma junto ao afloramento rochoso que corresponde ao ponto mais alto do sítio e outra no planalto que lhe fica imediatamente abaixo e se estende por todo o cabeço.

As sondagens, não permitiram a identificação de qualquer tipo de estrutura que corroborasse a existência de construções de planta circular semelhantes às do Castro de Romariz, que se situa a 2 kms. Já as cerâmicas recolhidas são bastante coerentes, com a predominância de pastas sujeitas a cozeduras mistas ou redutoras, alisadas e algumas brunidas. As formas de perfil em S e as decorações plásticas remetem para uma ocupação durante o Bronze Final.

A segunda campanha, com uma sondagem perto do afloramento rochoso, por ter sido aí que se recolhera uma maior quantidade de espólio, veio reforçar este panorama. Sem se identificarem estruturas que correspondessem à ocupação do sítio, os materiais apontavam, novamente, para uma cronologia de ocupação durante o Bronze Final, sem que se vislumbrassem indícios de uma ocupação anterior, ou posterior.

Não excluimos a possibilidade de que o sítio tenha tido uma pequena ocupação, através da implantação de uma atalaia durante a Idade Média, afinal de contas há referências documentais à realização, em 1045, de uma batalha entre cristãos e muçulmanos na *villa cesari* (Lima, 2017) que corresponde à atual freguesia de Cesar e o topo do Monte Calbo, num dia limpo, permite controlar a paisagem até à costa. No entanto, não recolhemos materiais que apontem para essa cronologia.

No castro de Ossela a situação parecia ser mais clara. De acordo com as informações de Rocha Peixoto (Carqueja, 1909) existiriam estruturas de planta ortogonal e planta circular, que atribui a ocupações de época Romana e da Idade do Ferro. A estas acrescenta um conjunto de sepulturas que, de acordo com o

espólio recolhido seriam mais tardias, enquadrando-se na Baixa Idade Média e Idade Moderna, associáveis à Capela da Senhora do Castro ali existente. Uma intervenção de emergência realizada em 2013, na sequência da abertura de uma vala no talude Este, permitiu recolher alguns fragmentos de cerâmica romana, e um fragmento de sigilatta clara datável de século V, o que possibilitava a interpretação de uma ocupação correspondente ao período da Antiguidade Tardia e conferia alguma verosimilhança ao padrão de ocupação descrito por Fernando Pereira da Silva. A campanha de prospeção eletromagnética, realizada em 2016, parecia confirmar, pelo menos parcialmente, o relato de Rocha Peixoto (Carqueja, 1909), ao identificar um conjunto de anomalias que pareciam corresponder a estruturas de planta ortogonal. Com essa perspectiva avançamos para a escavação em 2017. Não foi possível confirmar se as anomalias correspondiam a estruturas arqueológicas uma vez que imediatamente após a remoção da camada superficial metade da área da sondagem ficou com sepulturas à vista. Optámos por não as escavar, mas, ainda assim, o registo da área escavada foi bastante moroso e impossibilitou que se pudesse atingir a cota a que as anomalias deveriam surgir, em tempo útil. Os materiais, recolhidos apontam para uma cronologia que se enquadrará na Idade Média e Moderna, podendo estar associados à necrópole identificada com os trabalhos. Facto é que não conseguimos estabelecer uma sequência de ocupação para o sítio. Os materiais enquadáveis na Idade Moderna, nomeadamente um numisma de D João III, alargam a cronologia de ocupação do cabeço, face à descrição de 1995, porém, tanto em escavação como em qualquer dos trabalhos ali realizados, não foi possível recolher materiais que atestassem uma ocupação do Bronze Final. Isso só veio a acontecer no cabeço onde está situado o marco geodésico, que dista, aproximadamente, 600 m para Norte do cabeço da Capela. Aí, em áreas onde o solo foi revolvido para o plantio de eucalipto, sobretudo, nas vertentes voltadas a Noroeste foram recolhidos alguns fragmentos de cerâmica, ainda que pouco numerosos, cujas características remetem para o mesmo mundo que havíamos encontrado no Monte Calbo, sem que se recolhessem materiais de cronologias mais recentes. Estes dados levam-nos a ponderar a hipótese de o cabeço do marco geodésico ter tido uma ocupação mais antiga que se terá deslocado, posteriormente, para o cabeço onde foi contruída a capela. No en-

tanto, não dispomos de elementos que o permitam atestar, dada a ausência de trabalhos conhecidos no cabeço do marco geodésico e os constrangimentos que tivemos na intervenção no cabeço da Capela, que impediram uma verificação dos resultados de Rocha Peixoto.

Por último, o Castro de Recarei, para o qual tínhamos amplos relatos de recolhas de materiais ao longo do século XX. Em diversas visitas ao sítio tínhamos recolhido alguns materiais que pareciam confirmar uma ocupação durante a Idade do Ferro e a época Romana. Como as condições do povoado não eram as ideais para a realização de trabalhos de geofísica, escolheu-se para a sondagem uma zona não arborizada e relativamente plana, perto do ponto mais alto do cabeço, onde está instalado um marco geodésico. Também aqui não conseguimos identificar estruturas positivas que comprovassem uma ocupação do sítio, e que correspondessem ao que seria expectável confirmando uma ocupação durante a Idade do Ferro e época Romana.

No entanto, registaram-se algumas estruturas negativas durante a escavação que parecem corresponder a um conjunto de buracos de poste, alguns deles com o topo ainda preenchido por bocados de argila ou pedras que estariam, inicialmente, a calçar os postes de madeira. A funcionalidade destas estruturas ainda é pouco clara, porém a recolha de possíveis pesos de telhado, sugere que se trataria de uma estrutura com cobertura de colmo.

No que aos materiais diz respeito, as camadas superficiais possibilitaram a recolha de um conjunto de cerâmica que parece enquadrar-se na Idade Média e Idade Moderna. Não estando associados a elementos que lhes forneçam grande contexto, a sua quantidade parece ser superior àquela que recolhemos em Ul, por exemplo, em contexto equivalente. Nos níveis mais profundos não temos registo de se ter recolhido qualquer fragmento de material de construção enquadável cronológica e tipologicamente na época Romana. Mesmo no que respeita à existência de fragmentos e cerâmica a sua quantidade é extremamente reduzida, para não dizer inexistente. Os materiais recolhidos, parecem enquadrar-se, isso sim, na Idade do Ferro e no Bronze Final. Ainda assim, não se identificou qualquer vestígio das casas redondas, típicas do mundo castrejo.

Também, neste caso, o registo arqueológico não segue a linearidade da cronologia proposta por Fernando Pereira da Silva. Apesar dos materiais medie-

vais recolhidos não é possível associá-los, expressamente a uma ocupação, e, surpreendentemente, dado que noutros pontos do povoado há fragmentos de cerâmica de construção à superfície não se identificou uma ocupação correspondente ao período romano no local da sondagem.

4. UMA TENTATIVA DE CONCLUSÃO NUM TERRITÓRIO COM MAIS PERGUNTAS QUE RESPOSTAS

Além das intervenções nos sítios o projeto previa a realização de ações de prospeção. Não foi possível desenvolvermos muito essa vertente, mas ainda assim, a identificação de, pelo menos, um novo povoado, Fonte do Soldado, pode contribuir para melhorar a nossa visão sobre a ocupação do território. Trata-se, pela primeira vez de um povoado identificado numa zona de encosta, sem estruturas defensivas visíveis e com materiais que remetem para o Calcolítico, cuja identificação foi possível após trabalhos de florestação. Dentro da área de dispersão de materiais, há uma zona onde surgem algumas cerâmicas comuns e de construção enquadráveis na época Romana. No entanto, não parece existir aqui uma continuidade de ocupação com materiais da Idade do Bronze, Idade do Ferro e Medievais. Este será um povoado a estudar no âmbito do POVOAZ_02.

Relativamente aos povoados que foram alvo de intervenção, ainda que tenhamos consciência de que as áreas escavadas são demasiado restritas para podermos ter uma visão crono-estratigráfica detalhada, de cada sítio, parece-nos, apesar de tudo, evidente que a continuidade cronológica, de ocupação dos povoados, apresentada por Fernando Pereira da Silva é hoje mais aparente que real.

Se tomarmos, apenas, como referência os nossos resultados das escavações, em nenhum caso se verifica essa continuidade de ocupação. Se cruzarmos os nossos dados com os de Maia Marques e de Rocha Peixoto, ou os que resultam de visitas aos sítios em que foram recolhidos materiais, ou ainda de outros trabalhos, mesmo assim, essa continuidade de ocupação é mitigada.

No último cronograma apresentamos os dados correspondentes à cronologia dos sítios que foram recolhidos para integrar o POVOAZ.

A primeira linha corresponde à atribuição cronológica feita por Fernando Pereira da Silva, no âmbito do PDM 1995.

A segunda aos resultados que obtivemos na sequência dos trabalhos efetuados ao longo do POVOAZ, tendo considerado apenas, os que resultam das sondagens realizadas.

A última linha conjuga os nossos com os dados disponíveis, a partir dos resultados de intervenções antigas, trabalhos de emergência e prospeções. Mesmo assim, parece-nos razoável afirmar que a uniformidade cronológica proposta por Fernando Pereira Silva é muito mais aparente que real (Figura 3).

Estamos convictos de que se alargássemos o leque de intervenções aos restantes povoados elencados em 1995, assistiríamos a uma diminuição da amplitude cronológica e à identificação de hiatos na ocupação, de cada sítio.

A continuação dos trabalhos através do POVOAZ_02, onde se integrou, além destes, o povoado inédito Fonte do Soldado, virá possibilitar uma afinação das cronologias de cada sítio com dados mais robustos que, esperamos nós, clarifiquem a incerteza que ainda temos relativamente a alguns dos sítios.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Fernando de (1953) – Terminus augustalis entre Talábriga e Lancóbrica. *O Arqueólogo Português*, Série II, 2, pp. 209-212.

ALMEIDA, Fernando de (1956) – Marcos miliários da via romana “Aeminium-Cale”. *O Arqueólogo Português*, Série II, 3, pp. 111-116.

CARQUEJA, Bento, ed. (1909) – Annaes do Município de Oliveira de Azeméis. Porto: Livraria Chardron.

DE MAN, Adriaan, TAVARES, João Tiago e CARVALHO, Jorge (2017) – Gpr And Electromagnetic Induction Surveys at The Hilltop Site Of Ul (Oliveira De Azeméis, Portugal). *Mediterranean Archaeology and Archaeometry*, 17:1, pp. 179-188.

DE MAN, Adriaan; TAVARES, João Tiago (2018) - A gestão arqueológica autárquica e um projeto de investigação – um primeiro balanço do POVOAZ. *Patrimónios de OAZ*, Oliveira de Azeméis, nº1, 2018, pp. 77-89.

DE MAN, Adriaan; TAVARES, João Tiago (2019) – Oliveira de Azeméis: Gestão de uma Carta de Salvaguardas Patrimoniais e de um projeto de investigação sobre a ocupação do território (POVOAZ). *SCIENTIA ANTIQUITATIS*, Évora. 3:1, pp. 295-319.

LIMA, António Manuel (2017) – Fragmentos medievais de uma composição moderna. In *Memórias de OAZ*. Oliveira de Azeméis: MOA, pp. 45-82.

MARQUES, José Augusto Maia (1989) – Escavações no castro de Ul (Oliveira de Azeméis). Primeira notícia. *Revista de Ciências Históricas*, Porto, 4 pp. 65-89.

SILVA, Fernando A. Pereira (1994) – Mamoia 1 da Mourisca, Fajões - Oliveira de Azeméis. Da pré-história à romanização. *Ul-Vária*, Oliveira de Azeméis. 1:1-2, pp. 23-58.

SILVA, Fernando A. Pereira (1995) – Contributo para a carta arqueológica do concelho de Oliveira de Azeméis. Da pré-história à romanização. *Ul-Vária*, Oliveira de Azeméis. 2:1-2, pp. 9-52.

VASCONCELOS, José Leite (1896) – Novo Achado de braceletes pre-romanos. *O Arqueólogo Português*, Lisboa. 2:3, pp. 86-88.

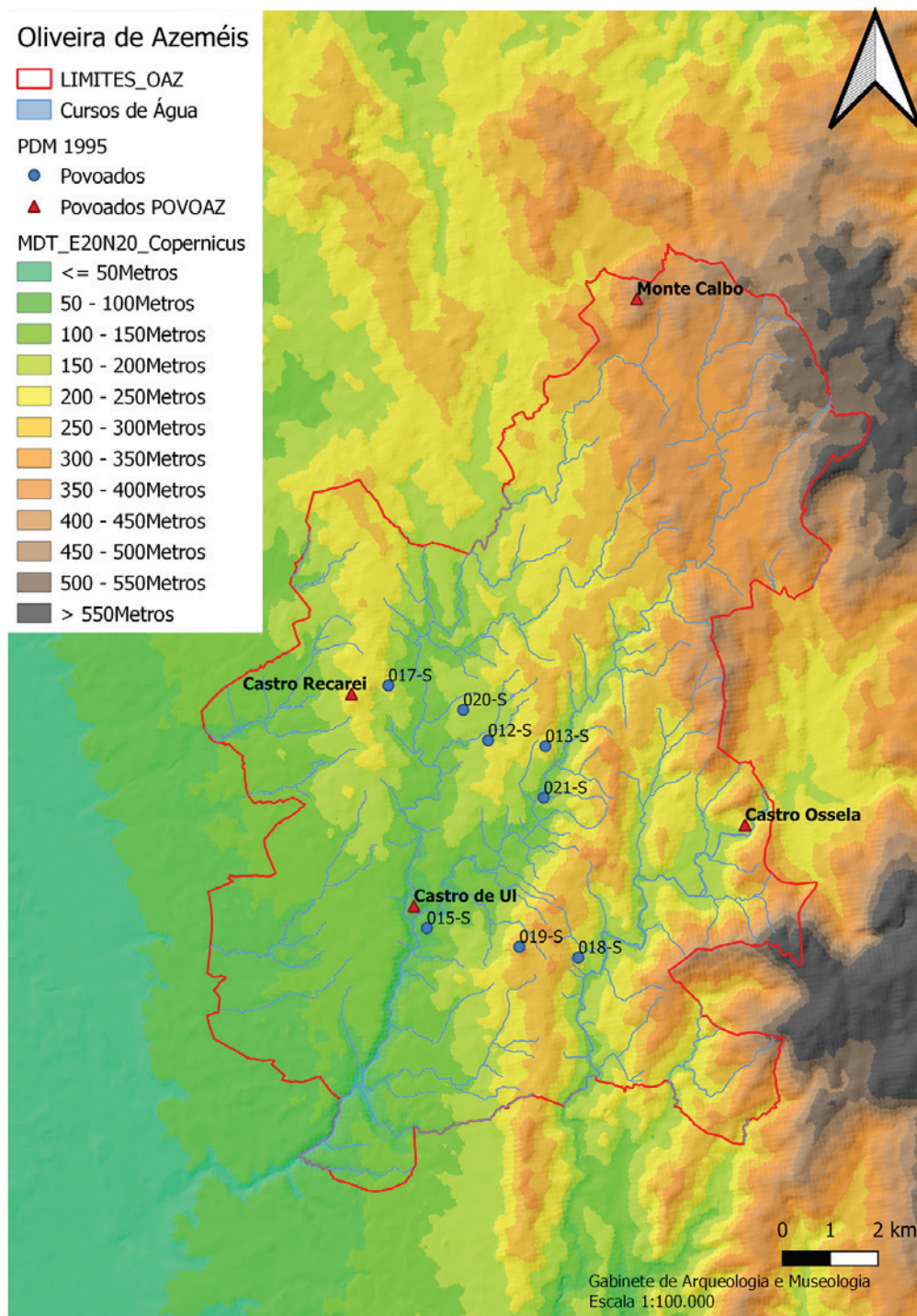


Figura 2 – Povoados conhecidos no início do POVOAZ.

	Neolítico	Calcolítico	Idade do Bronze	Bronze Final	Idade do Ferro	Época Romana	Antig. Tardia	Idade Média	Idade Moderna
Castro Ossela									
Castro Recarei									
Castro UI									
Monte Calbo									
Castelhão (12-S)									
Outeiro do Castro (13-S)									
Castro Damonde (15-S)									
Castro de Vilacova (17-S)									
Castro da Mó (18-S)									
Monte das Flores (19-S)									
Monte do Calvário (20-S)									
Castelo da Lomba (21-S)									

Figura 1 – Cronologia dos povoados, segundo Silva (1995).

	Neolítico	Calcolítico	Idade do Bronze	Bronze Final	Idade do Ferro	Época Romana	Antiguidade de Tardia	Idade Média	Idade Moderna
Castro Ossela FPS									
Castro Ossela POVOAZ									
Castro Ossela TD									
Castro Recarei FPS									
Castro Recarei POVOAZ									
Castro Recarei TD									
Castro UI FPS									
Castro UI POVOAZ									
Castro UI TD									
Monte Calbo FPS									
Monte Calbo POVOAZ									
Monte Calbo TD									

Figura 3 – Cronologia comparada de ocupação dos povoados integrados no POVOAZ.



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

CITCEM
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

FCT Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

U PORTO
FLUP FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

Apoio:

musaji
Associação de Amadores do Museu de Penafiel

